



Gaiato

17 DE ABRIL DE 1971
ANO XXVIII — N.º 707 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

TEMPO PASCAL

Páscoa significa **passagem**. E que é senão passagem, a vida do homem sobre a terra?! E se passagem porque não **Páscoa**?! Nesta identificação consistirá a sabedoria dos homens: Conceber a vida como um **êxodo** — viagem longa e contraditada, do exílio à Terra Prometida. Faltarão o pão, faltarão a água; a paciência correrá o risco do seu limite: o desespero. Mas, justamente nas horas amargas é que o Senhor tornará sensível a Sua presença e realizará prodígios em favor do Seu Povo. Para a fome sempre haverá qualquer **maná**. Para a sede, sempre alguma **rocha percutida** há-de dar manancial bastante. Em todas as provas a Sua assistência será suficiente se os homens não Lhe renegarem a sua fidelidade. E depois desta etapa de morte, a Vida...

A Esperança não é ópio. Mas sempre a felicidade dos homens será conquista do seu espírito. A facilidade não é felicidade; nem sequer o meio mais adequado que a ela conduz. **Ver ao longe, ver do alto** — não destrói os abismos intermédios, mas estimula a ultrapassá-los, porque para além deles se conhece outras alturas que se tornam meta do desejo de continuar a ver do outro lado delas.

São o desejo e a marcha que ele move os fautores da felicidade. Não é na estagnação de certezas limitadas, mas na busca nostálgica do Infinito que o homem se recria. Aos animais de engorda é que cortam asas e se castram. O homem prefere a liberdade de rasgar a sua carne por caminhos íngremes e misteriosos, ao longo dos quais enriquece o espírito de conhecimento e de afectos que o aproximam da meta em que será definitivamente destruída a trágica sensação de se achar só. É certo que

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

Tivemos, ontem, uma visita muito simpática. Os alunos do Colégio «Aurora do Progresso», em autocarro que a Câmara pôs à sua disposição, vieram passar uns momentos connosco. Vieram com o seu director e professores.

Há muito ouvimos falar dessa obra. Instalada a 13 Km da Caála, nascida de um desejo grande de servir os que mais precisam, sem outra mira que não fosse tirar da miséria os que nela estavam mergulhados.

Benjamim Linanhica trilhou o caminho por onde seguem os homens destinados a realizar grandes coisas ao serviço exclusivo dos outros. Gerou a obra no seu coração. Construiu-a primeiro no seu coração. Sem outros meios, de início, além de um grande amor pela multidão dos seus irmãos de cor, perdidos no mato, mergulhados na miséria da ignorância e de um primitivismo infra-humano. Assim começou. Experimentou o sabor da incompreensão, da dúvida, do descrédito dos grandes deste mundo. A semente germinou como grão de trigo que, depois de morrer, deu plan-



ta. Hoje abriga, à sombra dela, grande número de irmãos, perfeitamente integrados numa sociedade a que tinham direito.

Mais uma vez saboreamos a lição dos pobres e humildes de criação.

x x x

O problema do pão aflige grande parte da humanidade. Quando sabemos que cerca de 900 milhões de crianças passam fome, não podemos ficar quietos. E temos de gritar em nome deles contra o modo de ser dos que esbanjam o que lhes podia matar a fome.

A propósito: Este ano tivemos a alegria de poder contar novamente com o dinheiro dum firma da nossa cidade de Benguela para o nosso pão de todos os meses.

x x x

As obras da nossa Aldeia continuam. Do mesmo modo nos chegam de muitos lados pedidos aflitivos para o ingresso de rapazes na nossa Casa. Temos que dizer mais uma vez que somos para os que nada têm. Estes em primeiro lugar.

A primeira casa de habitação está prestes a terminar. E já lançamos mãos à segunda casa. Vai ser bela como a primeira. Temos esperanças de, neste ano, ficar instalados na nova Aldeia.

De muitos lados nos vão chegando ajudas de amigos que, desde a primeira hora, se empenharam connosco nesta Obra. Ontem, ao fim da tarde, senhora amiga nos entregou 1.000\$00, num envelope. Mais 50\$ todos os meses, «singela importância» de quem espera continuar a fazê-lo, se Deus quiser. Mais 100\$00, nos correios; 300\$ da Catumbela; 1.015\$00, de alguns funcionários da Lupral; 220\$, de um outro grupo de empregados; 500\$00, de Lisboa, «da Avó de Moscovides». Outros 500\$ de Benguela, em festa de aniversário; mais 400\$, oferta referente a metade de um aumento de ordenado; e mais 500\$, também da Catumbela.

Padre Manuel António

Visado pela

Comissão de Censura

AS NOSSAS EDIÇÕES

ESTÁ NA RUA

«ISTO É A CASA DO GAIATO»

COMEÇOU a ser despachado pelo correio — para os assinantes da nossa Editorial — o 1.º volume (2.ª edição) do «Isto é a Casa do Gaiato».

Cumprimos. E procuraremos cumprir sempre — apesar das nossas limitações e condicionamentos. Aliás, nunca, como hoje, foi tão necessária a eficácia. Em nossa Casa, até por motivos d'ordem pedagógica...

Alegremo-nos! A malta cumpriu muito bem. E, não há dúvida, foi incentivo a presença — em férias — dos estudantes do Lar: enquanto os encadernadores dão tudo por tudo —

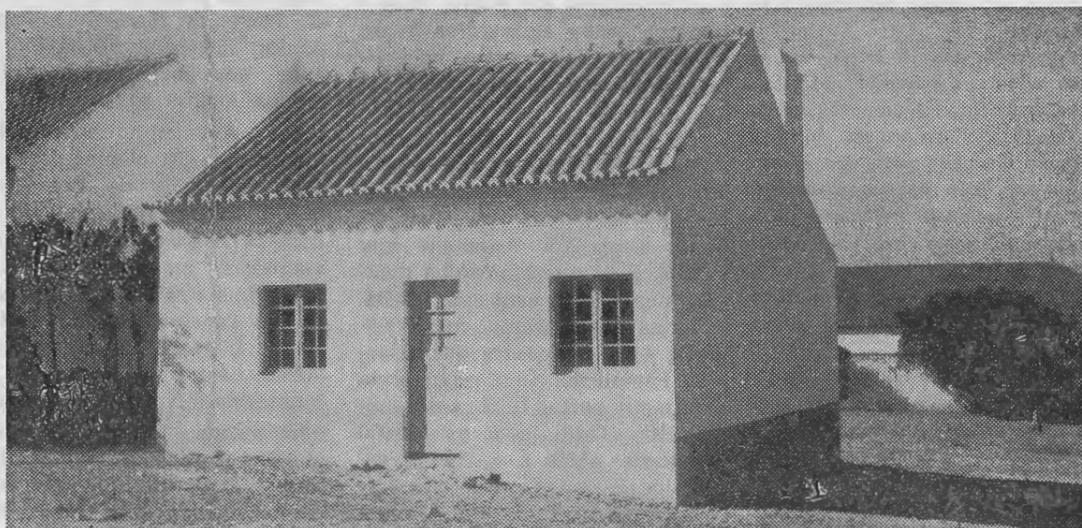
no aparo e colagem do livro — os intelectuais ultimam a expedição.

ESTAS, são horas de saudade! Tão humana... Entenda-se por «Isto é a Casa do Gaiato» pedaços d'alma de Pai Américo, em esculturas buriladas por sua pena, da nossa vida — da nossa Obra. Tudo que somos — e seremos — está ali. Pujante. Perene! Como a Mensagem que irradia. E até pelos problemas e facetas — boas e más, alegres e tristes, poéticas — d'almas jovens a desabrochar; essas, são d'ontem, d'hoje, d'amanhã. São a alma do homem — constante

d'êxitos e fracassos. «Isto é a Casa do Gaiato» é um livro da vida — que espalha Vida!

Continua na SEGUNDA página

ESTA NOVA MORADIA DO PATRIMÓNIO DOS POBRES DE ALCANENA TEM «3 QUARTOS E COZINHA — TUDO EM BOAS DIMENSÕES».



Atenção



à circular da nossa Editorial — que juntamos.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Como há muito tempo não acusamos recepção da perseverante presença dos nossos amigos, aí vai quanto recebemos desde a última notícia:

Assinante 17740, segue com 40\$. Mais um pacote de roupas. E 100\$00 de farmacêutica amiga, de Rio Tinto. E nova dose de 40\$00, da assinante 17022. Mais 60\$00 «1.º semestre de 1971», da rua Alferes Malheiro — Porto. E mais 50\$00 do Porto, de «velha amiga Zé Ninguém» queixando-se da falta da Festa no Coliseu «mas contente por o motivo ser o aproveitamento escolar e profissional». Mais Porto «por alma de Maria Augusta», com 20\$00. E de novo o Porto — pois aqui vai um grande viva ao Porto! — com 50\$00 «para as grandes aflições do nosso Júlio, com toda a boa vontade e que muitas mais se lhe vão juntar, como tanto necessitam para acudir aos seus irmãos Pobres». E temos ainda mais Porto (hoje é uma procissão tripeira!) com 20\$00 da «Viúva do Porteiro». Amiga e senhora Rosa: a sua presença é sempre uma benção. Que Deus a ajude. E, finalmente, damos um salto ao Funchal — 30\$00 «para a Conferência de Paço de Sousa». Bem explicado! Assim, não há confusões...

Para todos, um muito obrigado dos nossos Pobres.

JULIO MENDES

Paço de Sousa

Casamentos — Mais uma vez Paço de Sousa esteve em festa. Era domingo, dia 28 de Fevereiro. A manhã encontrava-se sob a influência do nevoeiro, o que dava um aspecto triste num dia belo e feliz para todos nós.

Cerca das 11 horas, já o sol havia despertado. Chegavam os primeiros convidados que somos nós e logo de seguida os convidados dos noivos. Foi longo o tempo de espera para que a cerimónia principiasse.

Por volta das 12 horas, estávamos todos já a participar no sacramento matrimonial do nosso Rufino.

Foi focado este por ser um rapaz muito trabalhado para atingir este momento. Não porque fosse mau rapaz — todos somos bons — simplesmente, neste caso, os motivos eram de ordem pessoal. O êxito foi conseguido; todos nós devemos uma palavra de apreço ao próprio Rufino.

A hora era já adiantada, razão porque no fim da Missa, especialmente a malta — estava a segurar a barriga.

Tiram-se as fotografias da praxe e a impaciência dos esfaimados foi aumentando. Soou o toque há muito esperado, e todos nos encaminhámos para o refeitório.

A festa agora agradava mais na generalidade.

Em dado momento a presença do nosso Pai torna-se notória. A sua imagem, que a todos observa, ali estava abençoando aqueles seus dois filhos que se uniram num só através do amor recíproco que sentem.

Um dia de festa que terminou em bem para todos.

Aos recém-casados as maiores venturas e felicidades pela vida inteira.

x x x

Uma semana antes, no Porto, na Igreja de N.ª S.ª da Conceição no Marquês, um dos nossos contraía matrimónio também.

Era o «Pipas», agora o António Silva.

Ficou a residir no Porto onde trabalha.

Para ele e sua esposa, vão os nossos votos de felicidades.

x x x

É com uma carta, presumo duma jovem estudante, que inicio esta nota. Com ela vieram-nos 100\$00. Ei-la:

«Queridos amigos: Permitam-me tratar-vos assim... pois tenho o maior respeito e carinho pela grande Obra que construí — leio de vez em quando o vosso jornal e sempre da leitura tiro uma lição de generosidade e caridade cristã autêntica.

Ainda sou estudante, portanto, não tenho rendimentos certos de trabalho. Mas, nesta altura há parentes que enviam uma lembrança em dinheiro — é o que vos quero entregar, porque sei que assim será bem empregue. É triste pensar como gasto mal o meu dinheiro, egoístamente, em satisfazer prazeres ainda que legítimos, havendo necessidades muito mais altas — porque são as dos «pequenos» de quem Jesus nos falou.

Desculpem ser pouco, mas é o que tenho agora. Por favor, que isto fique entre nós! — até porque teria vergonha.»

O Senhor te ajude nos estudos e esperamos contar com a tua amizade e novas presenças.

Lisboa-2, com 50\$. Duas irmãs com 70\$. Anónimo com 300\$. E de quem amalha mensalmente, algo para nós, 1.700\$. Amiga do Henrique, com 330\$. «De uma professora primária», de Famalicão, 100\$. «por alma de meus pais», 100\$. Assinante de Rio Tinto, com os 100\$00 mensais. «Mãe e mulher agradeça a Deus», com 100\$. Várias presenças do Sr. Manuel da Rua da Corticeira. Mais 100\$ de Lisboa. E Helena, de Lisboa, com mil escudos, para ajuda de cobertores.

É com certa mágoa que venho a estas colunas fazer uma queixa, ou pedido, que seria escusado se todos nos respeitássemos.

Agora, com mais frequência, recebemos visitas.

Principalmente ao domingo. Nós gostamos que nos visitem, que conheçam os alicerces da nossa Obra.

Para esse efeito, temos o cuidado de manter algumas casas de habitação ao dispor dos visitantes.

Sendo uma delas a minha, fico deveras aborrecido com o espectáculo que deparo: ao fim do dia passeadeiras fora do lugar, revistas do mesmo modo, o soalho cheio de pegadas, etc.

Todas estas coisas, temos nós o especial cuidado de trazer asseadas; tenho a impressão de que também gostam de as encontrar assim; nós, os da casa, também gostávamos que no fim do dia as pudéssemos encontrar em melhor estado.

Agora apróxima-se o verão, isto é, a época das visitas; faço-vos este apelo para não adoptarmos outras medidas, que são muito do nosso desagrado.

Jorge Manuel

TOJAL

Festas — Os ensaios estão correndo perfeitamente e temos esperanças que ao chegarmos ao Monumental encontraremos a sala cheia de gente ansiosa de nos ver representar e que, ao terminar, todos saiam alegres e dispostos a regressar para o próximo ano.

Campanha do selo — Agradecemos aos nossos Amigos que, no caso de não precisarem dos selos usados, os enviem para aqui, pelos vendedores de «O Gaiato», ou então por qualquer outro meio, porque fazem-nos muito jeito. Tal como o ditado «de bago a bago enche a galinha o papo», também nós queremos proceder assim com os selos, a fim de renderem alguma ajuda.

Obras — Já começamos a abrir os caboucos de mais uma casa para 50 rapazes. Tudo vai devagar, mas com força de vontade da nossa parte tudo se realizará. Os trabalhos das oficinas já foram retomados visto terem sido interrompidos pelas obras da nossa «Casa Mãe».

Campo — Com todo o entusiasmo já semeámos quatro terrenos bem grandes de batata e esperamos que todos os nossos trabalhos não sejam em vão e, até pelo contrário, venham a dar grande resultado. Então, nesse caso, teremos batata para todo o ano. Todós nós as apreciamos, aliás.

Estudantes — Terminou o segundo período e por enquanto não sabemos as notas. Em breve as conheceremos e nessa altura veremos resultados. Todos nós estamos com esperanças que elas sejam razoáveis e talvez melhores que as do primeiro período, que não foram más.

Música — Estamos a querer tentar arranjar um pequeno conjunto, mas isso será impossível sem a vossa colaboração. Por isso pedimos que no caso de terem instrumentos que já não utilizem, nos mandem alguns porque sempre ajudariam em algum sentido. E, assim, talvez pudéssemos, de facto, construir um grandioso e alegre conjunto.

Xavier e Jorge

Do que nós necessitamos

Maria Fernanda, com 1.000\$. De promessa, casal amigo, entregou-nos em dia de Natal, 2.500\$. Avó de Moscavide, com 50\$. Vale postal de 350\$, oferta de professores, alunos e empregados do Externato Camões, em Rio Tinto. Os 40\$ mensais, enviados de Agueda, com a legenda «Obra de Deus — para os Pobres». De Valbom, J. M. envia três mil escudos. Mais 500\$, de Campo Lindo. 50\$ de Castelo Branco. De Bombarral, Avó Carlota envia 200\$. Lisboa com 300\$. Recebemos uma pequena lembrança de D. M. C., empregado comercial em Castelo Branco. Mais 200\$ do Porto. Uma caixa de Vinho do Porto, de Manuel D. Poças Júnior, L.da que, de há longos anos, nos chega sempre dentro da quadra natalícia.

Da Alemanha, vieram-nos 50 marcos. Da «União Desportiva e Recreio do Boavista», 50\$00. De algures, um vale de correio de 530\$. Estudante universitária, em Coimbra, com 50\$. Mais 190\$50, de «um grupo de funcionários do antigo Banco Lisboa & Açores». Ass. 30200, com 100\$. Estudante de Montemor-o-Novo, com 100\$00. «Professora amiga das suas alunas», com 500\$, para vários fins. 2.000\$ de Lisboa, «em memória do meu marido». 20\$ do Porto. Ass. 20843, com 1.240\$, para pagamento de várias assinaturas, sendo o restante migalhas do seu mealheiro.

Das alunas do 2.º ano - B, do Colégio S. Coração de Maria, de Aveiro, com muito carinho e amizade, uma migalhinha de 30\$.

Mais 100\$, de Lisboa, da «Amiguinha desde há muito presente». 3 dólares, de senhora que pede orações pelos nossos emigrantes. «Viúva amargurada» com 500\$. Ass. 27024, com o «primeiro aumento da minha reforma», 222\$00. Em acção de graças, pelo êxito de uma viagem, 50\$. «Fui promovida no meu emprego e resolvi enviar-vos o aumento do meu primeiro mês, que é 1.000\$00. Um saco de bo-

tões de Lisboa. Tecidos de Serpa. Roupas da Amadora. Bem boa, por sinal! 10 metros de fazenda para fatos, de Benedito Barros & C.a. Amigo de Faro, com dois pacotes, contendo 25 cobertores. Vieram numa óptima altura e, se o Amigo sentiu a alegria de os dar, não imagina a que sentiriam os contemplados! Bem haja. Mais 1.000\$, dum professor universitário, que o foi do nosso Padre Carlos, quando estudante de engenharia.

E continuamos no próximo número.

Manuel Pinto

AS NOSSAS EDIÇÕES

Está na rua

«Isto é a Casa do Gaiato»

Cont. da PRIMEIRA página

EM nossa Editorial serão dias de intenso movimento. Dias cheios! E não tardarão reacções salutares dos nossos amigos — beneficiados com este belo foliar, na Páscoa de 71. Até reacções oportunas ao postal que juntamos. Entre 50 000 leitores e assinantes do «Famoso» apenas cerca de 5.000 o são, efectivamente, da Editorial...

O postal junto é fogueira acesa — que espavita, Cirio pascal. Foi mesmo nossa intenção torná-lo simples e prático. Todavia, se duvida ter ficha aberta em nossa Editorial, não perca tempo. Responda na volta. O carteiro será portador da preciosa — se não a mais preciosa! — obra de Pai Américo. E que ao menos, desta vez, a elite literária do País lhe dispense um pouco d'atenção. Vamos a ver...

Júlio Mendes



Tribuna de Coimbra

Temos acompanhado, com muita alegria e esperança, as comunicações que o Senhor Ministro da Educação Nacional tem feito ao País. São fruto de um trabalho intenso e de vontade forte de servir. Embora tardias, as reformas e facilidades do ensino vêm ao encontro das necessidades da Nação. É sempre tempo de começar.

Também nós, neste campo, temos sentido a necessidade de mais e melhor.

Nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, a população escolar tem andado pelos cinquenta e tal alunos. O ano passado subiu para sessenta e cinco. E crianças vindas sabe Deus donde!...

Em 29 de Junho pedimos ao Senhor Ministro a criação de mais um lugar na nossa escola. Passados dias recebemos um cartão a dizer que o nosso pedido havia sido despachado. Preparámos e apetrechámos a sala e dispusémos tudo para começar em funcionamento em Outubro.

O ano começou e nada. A escola abriu com sessenta e oito alunos, vinte e seis deles na 1.ª classe. Temos telefonado vezes sem conta para a Direcção Escolar, onde sempre nos têm atendido com imenso carinho. Deslocámo-nos a Lisboa, onde fomos amavelmente recebidos pelo senhor Subsecretário da Administração Escolar. Passado tempo entregámos, por escrito, uma exposição da nossa situação escolar aflitiva.

Temos esperado todos os dias. Chegámos ao fim do segundo período e nada.

Onde estará a barreira? Haverá alguém com uma gaveta sem fundo? Teremos de perder a esperança? Teremos de mandar para a rua aqueles que recebemos, a contar com o segundo lugar escolar? Para onde os havemos de mandar?

As Casas do Gaiato não podem ser escola de analfabetos.

Este meu grito é grito de amargura ao serviço da Nação.

Padre Horácio

Haveis de desculpar que vos torne hoje a falar de obras nesta quadra festiva. Não se trata de obsessão mas da necessidade de comungar convosco das preocupações que no momento nos são mais caras e de cuja solução depende um futuro mais feliz para os nossos Rapazes. As expressões bélicas não são muito do nosso gosto, mas o termo batalha é o que traduz melhor a luta que se processa neste instante, em ordem a dotar a Casa do Gaiato de Lisboa de instalações capazes. Sobem para o ar as oficinas-escolas, amplas e cheias de luz, que hão-de ajudar a promover os Rapazes e a enriquecê-los humana e profissionalmente; os trabalhos da casa de habitação para 50 ocupantes estão mais atrasados mas esperamos levá-los a cabo durante o ano corrente, de forma a proporcionar aos seus utentes aquelas condições de comodidade e de higiene que desejaríamos para todos os homens. Como se processa isto tudo, temo-lo dito e pensado repetidas vezes, é que não sabemos explicar. É um mistério. Não temos rendimentos e não recebemos até agora qualquer subsídio oficial. No mês passado, por exemplo, vieram mais de 40 contos de

Aqui Lisboa

ferro e de cimento ultrapassaram-se os 11 mil escudos. Como se pagarão? Não sabemos. Há aqui uma mão estranha que, com licença de quem não tem Fé, só pode ser a mão de Deus, conduzindo mesmo aqueles que não acreditam mas d'Ele estão bem próximos.

Falávamos no último número de O GAIATO da ajuda e do estímulo recebidos dos nossos Amigos. A correspondência que nos chega, ou as palavras que ouvimos de viva voz, além de traduzidas em actos e acompanhadas das mais variadas sugestões, são uma força poderosa que nos projecta e lança para a frente, sem receios ou temores de qualquer espécie. Vejamos três casos, entre outros. O primeiro, de Lisboa: «Junto vão, duzentos escudos, uma migalha para a Casa dos 50 rapazes em construção. Faço votos que se multiplique por muitas dádivas e que a vossa intenção se concretize muito rapidamente. Que Deus ajude os vossos sonhos...» O segundo, dum importante Vila minhota: «...Tive um sonho e ao mesmo tempo um pensamento... Eu pensei assim: todos os assinantes do Jornal, neste ano corrente, pagariam as assinaturas em duplicado, não importa que sejam pagas em prestações durante este ano, para este simples apelo que eu aqui faço, com a condição de no fim deste ano estar todos desobrigados deste simples encargo... Nós todos juntos e todos assinantes do mesmo jornal e sem nos conhecermos uns aos outros, associando-nos todos a este acto social seria uma grande alegria para todos

nós por termos cumprido um dever para com Deus e para com o nosso próximo... Pela minha parte vou enviar 100\$00 que já é duplicado.» O terceiro caso, oriundo do Alto Alentejo, a nossa província natal: «Quando no verão gozei as minhas férias, tencionava mandar para as necessidades da v. Casa no Tojal, a importância de 5 mil escudos. Mercê de circunstâncias várias não consegui fazê-lo. ... Agora que li o apelo feito n' O GAIATO para a construção de uma nova habitação para 50 rapazes, resolvi enviar, não os 5 mil escudos, mas 8 mil, como penitência de não o ter feito ainda para contribuir com a centésima parte da futura casa. Agora faço uma pergunta?... Não haverá entre os milhares de leitores de O GAIATO, mais 99 assinantes que tenham possibilidade de fazer o mesmo? Deus permita que sim.»

Depois do que atrás foi transcrito, em que o sublinhado é nosso, não há comentários a fazer, que só desvirtuariam o seu significado. Sentimo-nos pequeninos ante uma Rectguarda tão unida nos seus objectivos e tão plétórica de ideal. Impelidos, porém, pelo impulso que dela dimana, não podemos desanimar e só nos resta caminhar em frente, por Deus e os Homens nossos Irmãos. Para os distraídos ou instalados e para todos nós, a grande Família da Obra é uma lição de calor humano e sobrenatural.

Os votos de Boas-Festas Pascais do

Padre Luís

Um dia destes, logo de manhãzinha, telefonam do Espelho da Moda. Um desabafo! Era um desabafo da Madalena, cercada de perguntas, de protestos, de lamentações.

«Que hei-de dizer? — pediam-me ela. Que esperanças posso dar a esta gente tão amiga?»

Por carta, não têm conta os gemidos que aí chegam. E muitos experimentam minorar a sua pena, mandando o dinheiro dos lugares que não ocuparão.

Aí vai uma, de amostra. É de Lamego.

«Também ficamos com muita pena de este ano não vermos, é tão bonita a vossa festa, pois andávamos ansiosas que ela viesse e quando lemos no Gaiato que este ano não vinham ficámos desoladas. Não seria possível virem os do Centro ao Norte fazer a festa?»

Ou então os de Paço de Sousa, para não perderem as aulas, o que achamos muito bem, poderiam fazer os ensaios nas férias e darem a festa nos princípios de Outubro quando já toda a gente está nos seus lugares?»

Esta sugestão já a tínhamos em mão, posta pelo nosso Zé Ferreira, ora terminando sua comissão em Angola, o qual não se resigna com a ausência da Festa. Ele foi o responsável dela há três anos. Diz-me que já está pensando em alguns números com que poderá prestar colaboração ao Bernardino. Também sua presença actuante é uma ajuda...

Esperamos, pois, que talvez Outubro ou Novembro nos leve aos palcos da zona norte.

Assim consigamos harmonizar com este desejo as exigências euro-africanas da nossa Obra.

Entretanto, atenção ao Centro mais ao Sul.

Festas

ABRIL

17 — Cine Teatro LOUSA

19 — Teatro Avenida COIMBRA

21 — Cinema Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ

23 — Teatro Aveirense AVEIRO

26 — Cine Teatro Avenida CASTELO BRANCO

27 — Cinema Gardunha FUNDÃO

28 — Teatro Cine COVILHA

30 — Teatro Lúcio da Silva LEIRIA

MAIO

1 — Bombeiros Voluntários CANTANHEDE

2 — Casa da Música AVELAR

3 — Cine Teatro TOMAR

5 — Cine Teatro Stephens MARINHA GRANDE

8 — Cine Teatro GUARDA

9 — Ginásio do Colégio SEIA

11 — Teatro de Anadia ANADIA

15 — Cine Teatro POMBAL

22 — Teatro Alves Coelho ARGANIL

Nota: Todas estas festas são às 21,30 h. Bilhetes à venda nas casas do costume, e na Guarda, Arganil e Marinha Grande no Escritório Paroquial.

ABRIL

22 — MONUMENTAL LISBOA

Bilhetes à venda nos seguintes locais:

Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, tel. 361406; Montepio Geral, Rua do Ouro, 241, tel. 323001; e na Ourivesaria 13, Rua da Palma, tel. 861939.

Nas bilheteiras do MONUMENTAL, só no dia da Festa.

ABRIL

20 — Luísa Tódi SETUBAL

Bilhetes à venda:

Papelaria Campos, Largo da Misericórdia, telef. 22447. Lar do Gaiato, Largo das Areias, telef. 23054.

E todos os dias nas bilheteiras do Cine Teatro, telef. 22127.

25 — Sociedade F. Humanitária PALMELA

Bilhetes à venda:

Na Secretaria da Sociedade Filarmónica, telef. 235235; Quinta do Anjo — Sebastião Fortuna, telef. 237869.

Tempo Pascal

Cont. da PRIMEIRA página

durante a jornada, em momentos alucinantes de quase-rutura da nossa paciência, o Senhor Se manifestou para cá da névem que normalmente O encobre. Estas revelações descontínuas alimentam a Fé e a Esperança do homem e estimulam-no a prosseguir.

Parar?... Olhar para trás... — isso seria a infidelidade a si próprio, a sua auto-condenação.

«Eis o que diz agora mesmo o Senhor: — Não torneis a recordar os factos de outrora. Olhai! Vou fazer algo de novo: já começa a aparecer, não o notais?»

Os homens felizes, os grandes condutores de homens em todas as gerações, escutaram o que diz agora mesmo o Senhor e notaram os «sinais dos tempos», as «novidades» que o Senhor faz incessantemente desabrochar. Por isso realizaram a sua escolha, como S. Paulo:

«Só penso numa coisa: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prémio a que Deus lá no alto me chama em Cristo Jesus.»

Estes são os que jamais se demitiram do seu direito e dever de procurar a felicidade aqui e agora, no tempo para a Eternidade.

Humildes, foi-lhes revelado o caminho feliz que conduz sempre a mais felicidade. Sábios, seguiram-no. Misericordiosos, anunciam, também pelo seu testemunho de homens, a consumação das promessas de Deus.

«Aos olhos dos insensatos parece que morreram... Em Paz é que eles vivem!»



O Joaquim anda com o Zé Maria na Escola Infantil.

Frequentam o Externato Diocesano gratuitamente. São objecto do amor que a Igreja dedica aos Pobres.

Hoje, dia de S. José, Dia do Pai, o Joaquim trouxe-me uma lembrança nascida do seu coração e da sua arte: um pequenino desenho duma casinha, com um dístico nas costas: «Para o Pai com um beijo do Joaquim».

Preso vinha um pequeno embrulho, feito em papel bonito, contendo por dentro uma flor construída com papel e amêndoas — e semeada na sua alma pela professora que o ensina e educa.

Foi um doce no meio do amargo da vida. Um doce é sempre doce, mas quando surge no meio do amargo redobra de doçura.

Eu cheguei tarde para almoçar. Comia à pressa e só a sopa mais a massa com a hortaliça e os ovos que o Clarimundo fizera para todos! Estava triste, porque esta manhã apanhei o 2.º ano da Telescola — dez deles — em grande desleixo na hora de estudo. Tinha ralhado e até tinha batido. A amargura dominava-me.

O Joaquim veio sorridente como é seu costume. Pelas costas agarrou-me o pescoço e beijou-me: — Pai Acílio, olhe aqui! Era a sua prenda no dia do Pai!...

Uma onda de alegria me abafou a amargura. O doce daquele momento teve em mim reflexos de Infinito!... Deus que me acarinha pela inocência duma criança!...

Saboreei a paternidade!... Ao mesmo tempo entrou dentro de mim um grito de exigên-



cia!... Ser Pai é partilhar de todos os momentos e mais ainda dos difíceis do que dos fáceis.

Guardarei a lembrança do Joaquim para daqui a dez anos!

Quando vierem os seus 16 ou 17 anos com as dificuldades tremendas da sua evolução, ela será exigência de uma dádiva sem limites!

XXX

A nossa Festa será no Luísa Tódi a 20 de Abril e em Palmela a 25.

Vamos matar saudades de todos, um encontro que o ano passado não aconteceu.

A exigência da nossa vida não nos permite comungar com outras comunidades de amigos.

Tenho esperança de que, este ano, não será preciso tanto esforço para vendermos as casas!...

Mesmo às pessoas formadas de Setúbal e de Palmela nós levamos uma mensagem que vale bem uma noite! É necessário somente que as escamas lhes calam dos olhos. A simplicidade só se percebe com olhos simples!

Até lá vão muitas saudades de todos nós, mais do

Padre Acílio



Calvário

Os paráliticos precisam de sol no verão e de aquecimento no inverno e de conforto e convívio alegre em todas as estações do ano.

AGORA

Há dias, demos notícia de quanto passou na roda do ano de 1970, por estas colunas, e da colaboração prestada à construção de casas do Património dos Pobres e em regime de auto-construção por esse País além.

Hoje sai a Procissão, com mais uma achega. Quem olha de cada vez não dá fé do caudal. Nem ele é coisa de grande monta! Mas a benção de Deus multiplica a eficácia, confere-lhe a fecundidade.

E aproveitamos a ocasião para Lhe lembrarmos que são horas de tocar em corações talvez adormecidos, os quais, uma vez acordados, hão-de concretizar a sua devoção no repartir da sua suficiência — e até mesmo do seu sacrifício — por estes Irmãos dados à doce tarefa de ressurgir de condições infra para as de razoável exigência humana.

Os fundos estão mesmo, mesmo a secar! Mande Deus uma chuvinha vossa, regeneradora.

É a primeira saída deste ano de 71. Juntou-se um grupo grande. É certo que quase todo formado por caras conhecidas. Em certo sentido mais sabor!... Mas é pena que outros não venham experimentar a mesma alegria — que só ela pode explicar a perseverança destes, para vários contada já por muitos anos.

Ora aí vêm os de todos os meses. (Final, quase todos o são!). É Berta e Jorge com os seus 100\$ sem tirar nem pôr. É a Maria do Pequeno Louvre com a 5.ª parte. É o Major do Silêncio com três vezes mais que a Maria. É D. Berta, de Lisboa, com também sua regular lembrança pró Calvário. É de Valadares, alguém com 50\$ mensais. O Assinante 6790 com o dobro deste. Empatada com ele, a Maria de Ois da Ribeira — outra Maria com 10\$. Agora, é Lisboa — R. Alexandre Herculano, com 50\$ e às vezes mais e outras, também, lembranças pró Calvário. Passam o Casal-Assinante n.º 28562, com 1.600\$, relativos ao 2.º semestre de 1970 e a Odete, que foi de Leiria e agora é de Oliveira do Hospital, com 120\$ referente ao mesmo período.

Temos a seguir os das Casas para que vários concorrem. Duas pedras de 150\$ para a Casa dos Licenciados (Final é só um que concorre). Cinquenta para a Casa da Professora. E para a Casa de N. S.º do Carmo, 50\$ do Porto e 240\$, mais este recado:

«É a data em que recordamos o nosso matrimónio. Permita

Deus que todos os anos, eu, ou se possível alguma vez, nós, sintamos neste dia a obrigação de enviar a nossa contribuição mensal, para a «Casa de Nossa Senhora do Carmo». O título sob que foi iniciada, é este, mas a verdade é que os tempos mudaram tanto ultimamente, nalguns aspectos, melhorando, que a verba enviada desejo que a destine, como melhor entender naqueles «pequenos auxílios» áqueles verdadeiros heróis que por vezes lhes aparecem, que tendo começado as suas casas, com tão pouco, tiveram coragem e confiança para o fazer. E então, o Senhor que nunca falta áqueles que nEle confiam inteiramente, aparece das mais diversas maneiras.»

Dos Avulsos, embora vários peregrinos de muitas vezes, temos 500\$ da M. Helena de Torres Novas, 520\$00 de «Os Vinte Estrelas de S. Lázaro» e 1.400\$ de uma Comissão Desportiva. Mais 600\$ «por conta de umas promessas feitas». E 1.000\$ «para ajuda de vidraças». E 1.500\$, mais outrotanto «para o bolo-rei dos vossos gaiatos». Mais «uma pedrinha» de não sei quanto. E 400\$ do Padrinho do nosso «Eusébio», que aparece ou manda recados destes com muita frequência. E 3.000\$00 de Lisboa, de José Angelo.

Seguem os das chamadas Casas por inteiro, ainda que o nome tenha perdido a actualização. 12 contos do Mário António e «gostaria de saber onde vai ficar». Este gosto é que não poderá ser satisfeito, pois, como temos repetido já imensas vezes, esta verba é geralmente dividida em fatias que proporcionarão o fecho de várias casas. Outrotanto com a legenda Casa Mãe de Deus. E 20 contos, mais: «Sempre que compramos uma casa, gostamos que as rendas do primeiro mês sejam aplicadas para este fim e damos graças a Deus por o poder fazer».

Que bom se todos os homens fôssem sócios neste pensamento!

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A devoção, entusiasmo e doação de um grupo unido e aguerido de leitores — centenas, milhares... — abraça-nos a alma, todos os dias. Tanto que os momentos dedicados à síntese do movimento mensal, são hora d'oração.

Queríamos poder dar em letra de fôrma todas as legendas da procissão. Impossível! No entanto, aí vão, como aperitivo, duas presenças salutares:

• DO «CAOS» TAMBÉM NASCE LUZ...

«A minha vida é um «caos», talvez maior que o vosso, em parte por minha culpa. Ainda não arranjer qualquer assinante, embora o desejo há muito; ou antes, consegui um há mais de um mês — mas o «caos» etc., só agora me «permitem» transmitir-vos a assinatura...»

Falou o assinante 27856, da capital.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

• «VERDADE E AMOR NO CONCRETO DA VIDA DIÁRIA»

Ouçamos, agora, a esposa do assinante 10985, do Porto:

«Sou assinante de O GAIATO há muitos anos, e tenho o n.º 10985. Leio o jornal, sempre com o maior interesse. E até lhe digo mais: acho que a sua leitura contribui mais para o aperfeiçoamento da nossa alma, do que muitos livros de formação — embora muito bem e sabiamente escritos. N' O GAIATO há verdade e amor, no concreto da vida diária!»

Gostaria muito de entrar também na Campanha de novas assinaturas, mas apenas pude obter duas...»

Na mão do Senhor Jesus confiamos este depoimento. Pertence-Lhe. A Ele e a mais ninguém.

• PELO MUNDO PORTUGUÊS

Porto e Lisboa marcam lugar com propósitos muito altos. E aquela pesada lista da assinante 31476, que termina assim: «as maiores desculpas pelo atraso com que cumpro as minhas obrigações para com O GAIATO». É delicadeza d'alma!

Continuemos a resumir. Passa Toubres (Murça). E várias vezes S. João da Madeira. Mais Pinheiro de Loures, Oliveira do Arda (Castelo de Paiva), Beja, Mogadouro, Avintes (Gaia), César, Gondomar, Póvoa de Varzim, Pinheiro da Bemposta. Alto! Desfila, agora, um valente de Évora, de braço dado a cinco colegas — professores do liceu. Continuemos. Mais Vila da Feira e Silvalde. E Coimbra com esta legenda: «espero, com a ajuda de Deus, conseguir ainda mais algumas». Mais Braga (adormecida...), Amadora, e Almada com gente de Amora e um «bem hajam pelos grandes motivos de meditação que nos põem diante dos olhos». Mais Castelejo (Fundão). E Oliveirinha (Costa do Valado), frisando que «há dias, por uma antiga aluna, foi-me pedido para solicitar o envio do jornal — pois deseja ser assinante». Entretanto, passa Espinho; é uma jovem operária de 22 anos. Mais adiante uma leitora de Lisboa com seis novos assinantes de várias terras. E à coluna metropolitana fecha com Aveiro. E muito bem!

Por terras d'África temos gente do Dondo, Luanda e Gabala — Angola. E, de Moçambique, uma representação de Lourenço Marques. Paramos, de novo, ao largo, no Atlântico. Saboreando, agora, as belezas de Ponta do Sol — Madeira!

JÚLIO MENDES